

É DIA DE FESTA NO RIO CURIPI

Antonella M.I. Tassinari*



Foto: Antonella Tassinari

Derrubada do mastro de um Turé

No norte do Estado do Amapá, na região fronteira com a Guiana Francesa, reside uma população indígena de aproximadas 1500 pessoas: são os Karipunas, habitantes do rio Curipi. Nessa região, convivem com outros povos indígenas: Palikur, Galibi-Marwono, Galibi do Oiapoque, mantendo também contato com a população regional das cidades e vilas vizinhas. Trata-se de uma área que, há séculos vem recebendo várias levas migratórias de populações indígenas que passaram por experiências violentas de contato e ali procuraram refúgio¹.

Todos os anos, em maio, as famílias Karipunas levantam um mastro em sua aldeia mais tradicional: a vila Espírito San-

to, e passam duas semanas festejando o Divino, com grande fartura de comida, bebida, bailes e orações. Geralmente, entre outubro e novembro, os Karipunas também levantam mastros dentro de uma cerca de bambus, onde chamam para dançar, beber e cantar os *Karuãnas*, os seres sobrenaturais com os quais lidam os pajés, nas festas que denominam Turés. Em dezembro e janeiro é vez de se reunirem em grandes mutirões para plantarem roças de mandioca, quando as famílias convidam umas às outras para trabalhar na terra que prepararam desde o mês de agosto para o plantio. São ocasiões de trabalho, mas adquirem ares festivos quando os homens se põem a cantar e as mulheres preparam uma refeição e grande quantidade de caxiri (be-

bida fermentada de mandioca) para servir aos convidados.

O ano dos Karipunas é todo marcado por festas como essas, alegres ocasiões de encontro das famílias do Curipi. Momentos onde também entram em contato com outras famílias da região e com o mundo sobrenatural: os santos católicos ou os *Karuãnas* dos pajés. O que não pode faltar nessas ocasiões é o oferecimento de alimento, bebidas e presentes aos convidados.

Cada aldeia se enfeita em festa no dia de seu padroeiro: a aldeia Açaizal comemora São Sebastião, a aldeia Manga festeja Nossa Senhora de Guadalupe, e a aldeia Santa Isabel homenageia a santa homônima. Há ainda em toda a parte festejos para os santos juninos: Santo Antonio, São João,

São Pedro e para o “protetor dos roceiros”: São Tomé. Os Turés também são muitos, realizados pelos vários pajés do Curipi, tradicionalmente nos meses de outubro e novembro, no final da época seca. Mas também podem ser feitos para comemorar o Dia do Índio em 19 de abril ou para festejar vitórias políticas, como a homologação da Área Indígena².

O leitor pode estranhar essa associação de festas tão diferentes, a convivência entre diversos povos e entre figuras provenientes de distintas tradições religiosas. Pode definir essa associação como “sincretismo”, ou julgá-la fruto da “aculturação”. Esses termos, porém, nada explicam sobre a criatividade das famílias karipunas e sobre a importância de suas festas. Tais conceitos informam apenas que as diversas festas passaram a fazer parte da cultura das famílias como fruto do contato entre povos. Além disso, estabelecem um estigma: aquilo que não é “tradicional”, “puro”, mas foi adquirido através do contato, não representa propriamente uma cultura, mas a perda dela (conforme o conceito de “aculturação”). Mas... qual cultura não é fruto do contato entre povos? Qual tradição não foi produzida a partir de uma longa trajetória de migrações, contatos e fusões entre populações?

Aqui proponho um enfoque totalmente diferente. Considero que as várias festas realizadas pela população Karipuna podem ser entendidas como parte de um mesmo conjunto simbolicamente articulado, no interior do qual adquirem seu pleno sentido. Trato de analisá-las, assim, com os mesmos olhos do antropólogo que se volta para conhecer os significados do ciclo de rituais de um povo indígena com pouco contato, buscando explicá-los a partir de idéias recorrentes, de princípios estruturais, de visões de mundo que perpassam todo o ciclo, e que estão presentes também na organização da vida desse povo. Essa análise, porém, e o uso que faz da sincronia, chega a um ponto diferente do habitual, na medida em que não produz uma imagem atemporal: ela não apresenta a cultura de um povo “como ela é e sempre foi”, mas como vem sendo produzida, a partir das relações estabelecidas pelas famílias. Assim, se falamos em “tradição”, falamos também na elaboração des-

sa tradição a partir do contato entre povos e culturas distintas, como fruto da ação criativa, cotidiana, conjunta de uma população.

“PEGAR A MÃO”- UM ATO DE RECIPROCIDADE

Agosto é mês de seca na região do Amapá. Para a população regional, é época de derrubar a mata para plantar uma nova roça de mandioca. As famílias Karipunas começam a se mobilizar, cada qual planejando o lugar de sua próxima roça e se preparando para o trabalho da derrubada, exclusivamente masculino. Os homens convidam alguns parentes para fazerem o serviço em mutirão, e as mulheres preparam caxiri para servirem aos convidados.

A esse trabalho, nos meses subsequentes, seguem-se os de roçado e encoivara do terreno, dos quais também participam as mulheres. Por volta do mês de outubro ou novembro, as famílias já têm suas roças limpas e prontas para o plantio. É quando começa o período chuvoso, que vai mudar radicalmente a paisagem da região. As águas do rio Curipi transbordam e inundam a savana, formando uma grande área alagada entremeada por ilhas e extensões de terra firme, onde ficam as aldeias, as roças, a floresta usada para a caça.

Nessa ocasião, as famílias organizam os grandes mutirões de plantio, convidando umas às outras, geralmente os habitantes de uma mesma aldeia, para trabalhar em mutirão. Os donos de uma roça preparam uma farta refeição: quando o rio ainda não inundou a savana, os homens consideram fácil conseguir peixes, tracajás ou um grande jacaré para servir aos convidados. Também buscam na mata a entrecasca do tauari, servida como palha para cigarros. As mulheres trabalham para fazer boa quantidade de caxiri, sem o qual, segundo dizem, não há ânimo para trabalhar.

Em um dia de mutirão, as famílias conseguem dar conta do plantio de uma roça. A refeição é servida pela manhã, e então começa o trabalho: homens, mulheres, meninas e rapazes, cada qual tem sua função e um tipo de serviço a realizar. Os donos da roça passam todo o tempo servindo água e caxiri aos convidados. Quando o

sol está a pino, é hora de descansar, conversar, brincar, contar piadas. Os adultos fazem dobraduras e miniaturas para divertir as crianças. Aproveitam para preparar e fumar os cigarros de tauari. Os homens organizam competições de arco e flecha. Depois, todos retomam o trabalho e só param quando a roça estiver plantada por completo. Então os donos da roça cessam de servir caxiri e as famílias convidadas pegam o caminho de casa.

Ao trabalhar como convidada em um mutirão, uma família considera que “pegou a mão” dos donos da roça. Esses, num próximo momento, deverão lhes “pagar a mão”, ou seja, retribuir os serviços prestados. Essa é a base da sociabilidade entre as famílias Karipunas e evidencia a manutenção de laços de reciprocidade unindo a população. Ao “pegarem/pagarem as mãos” umas das outras, nos serviços de plantio das roças de mandioca, as famílias participam conjuntamente de uma atividade fundamental para a reprodução do grupo.

Cada roça será explorada por uma família ao longo de dois anos. A mandioca produzida é usada para o preparo de farinha, de tapioca, de beijus, do tempero tucupi e da bebida caxiri. Boa parte da farinha produzida é destinada para a venda nas cidades vizinhas: Oiapoque e Saint Georges. Esse é o principal meio das famílias obterem dinheiro e comprarem mercadorias que não produzem. As roças fornecem, assim, o produto básico de subsistência das famílias e sua quase exclusiva fonte de renda.

Depois de dois anos, as roças deixam de produzir satisfatoriamente e são usadas apenas para a colheita das árvores frutíferas plantadas junto às mandiocas e que continuam produzindo em meio à capoeira que cresce. De forma simbólica, podemos ver esse trabalho de cooperação das famílias num movimento contínuo de derrubada da mata e plantio de mandioca, como equivalente ao movimento cíclico de anualmente levantar e derrubar os mastros das festas de santos e dos Turés. A cada trabalho de derrubada e plantio da roça segue um momento de mistura de elementos, onde a mata avança sobre as espécies plantadas. Esse mesmo tema repete-se nas várias festas realizadas no rio Curipi.

O PAGAMENTO DAS PROMESSAS E DAS CURAS DOS KARUÃNAS

Os Turés e as festas de santos, assim como os mutirões, também podem ser entendidos como partes de um ciclo mais amplo de retribuições e trocas recíprocas. Desta vez, porém, além das relações estabelecidas entre as famílias Karipunas, há também a manifestação de uma rede de trocas que une estas ao mundo sagrado.

Sem condições de esmiuçar as particularidades desse universo sobrenatural, cabe colocar somente que os Karipunas consideram-se católicos e professam que todas as coisas do mundo foram criadas por Deus. A figura divina, porém, é distante na vida cotidiana das famílias. Estas interagem com outras entidades, todas consideradas criaturas de Deus: os santos, os seres humanos, os animais e também uma multiplicidade de espíritos habitantes “do fundo das águas”, “do fundo do mato”, “da terra embaixo do sol”.

Os pajés são pessoas, entre homens e mulheres, que conseguem estabelecer contato com esses espíritos de forma controlada e adequada. Os espíritos tornam-se seus amigos, seus *Karuãnas*. Passam a ensiná-los músicas, línguas, a organizar Turés e os ajudam a realizar diagnósticos e curas de doenças.

Dentre as formas adequadas de se relacionar com os *Karuãnas*, seres potencialmente perigosos, incluem-se certos tabus e as retribuições pelas curas e favores que propiciam às famílias, por intermédio dos pajés. E os momentos fundamentais de retribuição são os Turés.

Essas festas são organizadas por cada pajé, seguindo o modelo que seus *karuãnas* lhes ensinam através de sonhos. Os pajés pedem para alguns ajudantes esculpirem bancos e mastros em madeira, e pintá-los com certos desenhos que representam cobras, jacarés, aves, peixes. Os bancos e mastros são dispostos no pátio da dança de forma a receberem os *karuãnas*. Estes, atraídos pela música e pelo caxiri, são convidados para vir beber, dançar e cantar com as famílias.

As músicas entoadas pelo pajé são repetidas pelos participantes e têm como acompanhamento o som das clarinetas de

bambu, cujas palhetas são denominadas, propriamente, “turés”. O movimento dos corpos em dança chacoalham certos adornos que marcam a cadência das músicas. O conteúdo das canções, porém, é ininteligível para a maioria das pessoas. Dizem que se trata de línguas ensinadas pelos *Karuãnas* e que só o pajé entende.

A distribuição de caxiri durante a festa obedece um ritmo determinado e é feita segundo uma etiqueta. O pajé entoa músicas próprias para dançar e outras exclusivas para servir a bebida. Durante as primeiras, os homens fazem os passos da dança e dão algumas voltas ao redor do mastro. Depois as mulheres entram na dança, escolhendo um par entre os dançarinos e abraçando-o pela cintura.

Durante as músicas de servir caxiri também ocorrem as danças, mas sempre em duplas ou trios de pessoas do mesmo sexo. Duas moças circulam ao longo dos bancos, segurando as cuias cheias de caxiri e dando de beber diretamente na boca dos participantes que estão sentados. São acompanhadas por um senhor mais velho que faz um oferecimento formal da bebida.

As festas de santos católicos também são importantes momentos de retribuições. São consideradas momentos de agradecimento aos santos, pelos favores que propiciaram às famílias que lhe fizeram promessas. É a ocasião do pagamento dessas promessas, de acordo com as ofertas de cada um: um pacote de velas, um enfeite colorido para a capela, um boi, ou mesmo trabalhar como “festeiro”, aquele que garante a realização material da festa.

Quando se trata da Festa do Divino, que reúne a quase totalidade da população Karipuna (incluindo aqueles que não residem nas aldeias), os festeiros trabalham o ano inteiro para conseguirem adquirir os mantimentos. Estes incluem o material para preparar refeições (peixes, jacarés, munições para caçar, carne de boi, farinha, óleo, arroz, feijão, leite, tapioca, bolachas, açúcar, café, etc...), bebidas (vinho, cachaça, caxiri e sucos) além de todos os adornos e objetos referentes ao culto do santo na capela (velas, fitas coloridas, flores, rojões, etc...).

As outras festas de santos, ainda que em proporções menores, também demandam muito trabalho da parte dos festeiros.

São ocasiões onde se valoriza a fartura, e os festeiros se esmeram por bem servir os participantes. Boa parte da farinha de mandioca vendida nas cidades destina-se à obtenção de recursos para a realização dessas festas. Alguns homens chegam a aceitar empregos temporários nas cidades vizinhas para conseguir dinheiro para esse fim.

As festas de santos contam sempre com bailes animados, onde se dança música no estilo brega, lambada e o cacicó guianense, tocados por aparelhos de som a pilha. Desta vez, como nos bailes da cidade, são os homens que escolhem as parceiras de dança, tirando-as para dançar com um movimento cortês de inclinação do corpo. Entre as moças, velhas, casadas e solteiras, não há nenhuma que fique de fora do animado salão de baile.

Na capela, são feitas periodicamente orações, anunciadas pelo estouro de rojões, consideradas a forma adequada de agradecimento aos santos. Dentre essas, há uma longa ladainha que inclui trechos em latim (da oração do Rosário de Nossa Senhora). Rezada também em outras ocasiões, como em velórios, para as almas dos mortos, é considerada uma oração muito poderosa dos Karipunas. Além da ladainha, cada festa tem suas orações e canções características. Algumas festas englobam procissões: na Festa do Divino há uma procissão de barcos até o cemitério dos Karipunas e na de Santa Isabel há uma procissão ao redor da aldeia. Em outras, há a preparação de fogueiras, como nas festas juninas ou outras atividades.

RITMOS E ASPECTOS COMUNS

Essa descrição resumida das festas e mutirões dos Karipunas, embora não apresentando uma série de detalhes, já consegue revelar aspectos comuns presentes nesses diferentes momentos. Não só por constituírem ocasiões de retribuição entre as famílias ou entre essas e os seres sobrenaturais propiciadores de favores, mas também pela forma adequada de fazer a retribuição e pelos ritmos comuns que seguem.

Todas as festas começam e terminam com o levantamento e a derrubada de mastros. São atos que envolvem orações aos santos ou canções para atrair os *Karuãnas* dos pajés. O trabalho nas roças também en-

volve a derrubada das árvores na mata e o plantio das manivas (uma forma de "levantar a longo prazo" os caules da mandioca). Isso ocorre nos momentos em que as famílias convidam umas às outras para mutirões animados com músicas, bebidas e refeições.

A derrubada dos mastros encerra um tempo de festas, que geralmente dura dois ou três dias (ou duas semanas no caso da Festa do Divino), mas já anuncia sua continuidade no tempo. É que, ao segurar a bandeira dos mastros derrubados, algumas pessoas se comprometem a realizar a festa no ano seguinte. Assim, nas festas de santos, algumas famílias incumbem-se da tarefa de "festeiros", enquanto nos Turés, comprometem-se a auxiliar os pajés nos preparativos da festa.

A derrubada da mata, por sua vez, inicia um tempo de plantio e futura colheita. De alguma forma, anuncia o término da produtividade de uma antiga roça. Como vimos, esse ritmo agrônômico é fundamental para o próprio ritmo das festas, garantindo a matéria prima básica para o preparo das bebidas e para a obtenção de recursos financeiros.

As festas, por sua vez, são também consideradas fundamentais para a produtividade das roças, na medida em que reforçam os laços entre as famílias e os seres sobrenaturais que lhes propiciam saúde e fartura. Trata-se de um grande ciclo festivo que une a todos numa grande rede de retribuições: as famílias do rio Curipi, os santos padroeiros das aldeias, os *Karuãnas* dos pajés.

Nesse grande ciclo, cada festa pode ser vista como a marcação de um ritmo de distribuição e retribuição de dons e riquezas. Cada festa, por sua vez, tem seu próprio ritmo pontuado pela distribuição de bebidas, seja o caxiri dos Turés, seja o vinho e a aguardente das festas de santos ou, ainda, as bebidas oferecidas durante os mutirões. No caso das duas últimas, há também distribuição de refeições. Em todos os casos, trata-se de procedimentos formalizados, conforme o exemplo do oferecimento ritualizado durante o Turé, quando há, inclusive, separação entre gêneros nas danças.

Nas festas de santos não há cuiais, mas a distribuição é feita segundo etiqueta semelhante: os festeiros passam por todos os participantes, oferecendo-lhes um copo de bebida, que deve ser esvaziado e imedia-

tamente devolvido ao festeiro. É também um momento de separação entre gêneros, sendo que homens servem homens e mulheres servem mulheres. O mesmo ocorre durante os mutirões.

Esse ritmo de distribuição de bebidas e as formalidades que o acompanham têm uma quebra no momento final das festas. São ocasiões de bagunça e grande algazarra, quando ocorre a mistura de categorias até então mantidas formalmente em separado. A música final do Turé é a "canção do urubu". Dizem que o urubu "vem para acabar com o caxiri" e por isso os músicos enfiam as clarinetas numa bacia de bebida colocada junto ao mastro, imitando a agitação dos urubus, derrubando tudo e fazendo muita bagunça.

Durante as festas de santos é a vez das mulheres fazerem algazarra, na hora da "lavagem das panelas". Todas entram no rio e se lavam juntamente com as panelas, servindo bebida exageradamente a todos que passam "é para acabar com tudo", dizem.

Assim, se as festas e mutirões apresentam papéis, funções e etiquetas muito determinadas para homens e mulheres, o encerramento dessas ocasiões dá-se através da bagunça e da mistura de categorias. Podemos dizer que esse ritmo, simbolicamente, reproduz o movimento de mistura de espécies que ocorre nas roças no final de seu ciclo produtivo. Ali, as plantas selvagens começam a ocupar desordenadamente o espaço organizado das espécies cultivadas.

Entendendo todas as festas apresentadas como partes de um mesmo ciclo simbolicamente coerente, podemos perceber que, em alguns aspectos, elas se complementam. Em relação às atitudes de homens e mulheres, por exemplo: enquanto as mulheres têm o poder de escolha dos pares de dança nos Turés, são os homens que fazem a desorganização final que encerra a festa com a "dança do urubu". Atitudes e prerrogativas que se invertem durante as festas de santos: o poder de decisão fica por conta dos homens, enquanto a algazarra é feita pelas mulheres na "lavagem das panelas".

As festas e mutirões também têm uma cadência marcada pelos diversos tipos de música: as músicas de animar o trabalho, as músicas de dançar, as músicas de esta-

belecer contato com os seres sobrenaturais. Essas últimas têm a característica comum da ininteligibilidade, tanto a ladainha em latim, quanto as canções dos pajés feitas nas "línguas dos *Karuãnas*".

CONCLUSÃO

Com isso, temos evidências de um ciclo de festas que se complementa internamente, que encontra equilíbrio a partir das relações adequadas estabelecidas entre homens e mulheres, entre famílias que "pegam a mão" e que "pagam a mão", entre famílias promesseiras e os santos padroeiros das aldeias, entre as famílias clientes dos pajés, e os *Karuãnas*. É importante dizer que são as mesmas famílias que fazem as promessas e que procuram os pajés, às vezes para a resolução dos mesmos problemas.

Certamente esse equilíbrio, essa densa amarração simbólica entre festas de origens distintas e entre os trabalhos cotidianos e os momentos de festa, teriam ficado totalmente obscurecidos a partir de outra perspectiva. Se nos obstinásemos a considerar uma ou outra festa como "exógena", como "empréstimo de outra cultura", como sinal de "perda cultural", "de integração" ou "aculturação", estaríamos desconsiderando a própria visão de mundo dos Karipunas, aspectos de suas vidas que lhe são importantes.

É que, para as famílias Karipunas do rio Curipi, as festas de santos católicos, as ladainhas em latim, as canções dos pajés em línguas estranhas, as festas de Turés, entre outras tantas coisas, são aspectos de sua tradição igualmente considerados fundamentais. Como procurei mostrar, é uma tradição viva que confere sentido aos laços que unem as famílias entre si, bem como à forma como exploram seu ambiente e como estabelecem relações com o universo mais amplo e sobrenatural.

** Antonella M. I. Tassinari é antropóloga e doutoranda em Antropologia Social na USP e realiza pesquisa com os Karipunas desde 1990.*

1 - Esse artigo apresenta dados resumidos de uma pesquisa de doutoramento que está em vias de conclusão.

2 - Desde 1992 o território dos povos indígenas do baixo Oiapoque se encontra demarcado e homologado em três áreas indígenas contíguas. As aldeias Karipunas comemoraram esse fato de várias formas: algumas realizaram Turés enquanto outras rezaram ladainhas ou fizeram discursos em meio a festas de santos.